

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

1



Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

1



Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: um estímulo a transformação humana

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: um estímulo a transformação humana / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0065-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.653221103>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Subrinho, Abinalio Ubiratan da Cruz (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Desde a superação dos paradigmas interpostos pelas tendências de cunho tradicionalista, o campo educacional vem somatizando uma série de ganhos e tensionamentos, entre eles se sublinha o amadurecimento das concepções da aprendizagem enquanto ato situado, atravessado pelas mais diversas experiências e contextos no qual todos os atores envolvidos neste rizoma se tornam importantes elaboradores e propagadores de conhecimento.

Adjunto a isso, se destaca também a indispensável atuação dos professores/as, coordenadores/as e demais profissionais da educação no desenvolvimento de reflexões de cunho teórico, metodológico, epistemológico, formuladas a partir da investigação da sua própria prática. Estudos que se convertem basilares no desenvolvimento de políticas públicas que levem em consideração o cenário sociocultural no qual a escola está imersa (do qual é simbioticamente integrante) e os sujeitos, intra e extramuros, que a compõem.

Nesse sentido, as práticas de pesquisa em Educação têm oportunizado um ganho sistêmico e multilateral para o campo e para os sujeitos, benefícios que refletem, diretamente, nos gestos e processos sociais: ganha o campo pois, em decorrência das investigações novas lentes são lançadas sobre fenômenos e problemáticas que permeiam as relações seculares do ensinar e aprender, bem como emergem novas questões achados que irão, entre outras circunstâncias, contribuir com reformulação do currículo escolar e da didática, inserindo e revisando temáticas e epistemologias.

Quanto aos indivíduos que, atravessados de suas subjetividades, ao pesquisarem exercem a autoformação, dimensão formativa aqui pensada a partir de Pineau (2002), que em linha gerais a define como um processo perene que acompanha os sujeitos em toda sua vida, promovendo uma revolução paradigmática. O estar atento a você mesmo, suas atitudes, emoções, e a relação com o outro e com o ambiente. A interação destas dimensões constitui um engajamento às causas pessoais, sociais e ambientais, possibilitando que os indivíduos reflitam e ressignifiquem, nesse contexto, o pensar praticar à docência e as outras diversas formas de ensinar.

Desse modo, nesta obra intitulada “**A educação enquanto fenômeno social: Um estímulo a transformação humana**” apresentamos ao leitor uma série de estudos que dialogam sobre as mais variadas temáticas, entre elas: a formação inicial e contínua dos profissionais da educação; discussões acerca dos níveis e modalidades de ensino, percebidas a partir de diversas perspectivas teóricas; da gestão da sala de aula e da gestão democrática do ensino público; elaboração e análise crítica de instrumentos ensino e situações de aprendizagem; constructos que versam sobre educação, tecnologia, meio ambiente, entre outras propostas transversais. As pesquisas adotam métodos mistos, filiadas a diferentes abordagens, campo teórico e filosófico, objetivando contribuir com a

ampliação dos debates em educação e com a formação, qualificação e deleite de todos os sujeitos que se encontrarem com este livro.

Assim, desejamos a todos e todas uma aprofundada e aprazível leitura.


Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EFICIÊNCIA ESTATAL NA MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS E IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOCENTE NO COMBATE À ALIENAÇÃO


Alexandre Gabriel Alfaix Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211031>

CAPÍTULO 2..... 9

A ERA DA INFORMÁTICA E O PROCESSO EDUCATIVO: DISPOSITIVOS DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Conceição do Socorro Monteiro Machado


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211032>

CAPÍTULO 3..... 23

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DOS REGISTROS DE REPRESENTAÇÃO SEMIÓTICA NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA DOS NÚMEROS RACIONAIS NA VISÃO DE RAYMOND DUVAL

Jaildo Assis da Silva

Márcia Cristina Araújo Lustosa Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211033>

CAPÍTULO 4..... 43

O EXPERIMENTO DE APRISIONAMENTO DE STANFORD: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA SOCIAL E DAS RELAÇÕES DE PODER NO COMPORTAMENTO

Keila Andrade Haiashida


Priscila Andrade Haiashida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211034>

CAPÍTULO 5..... 51

SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO PIBID: DIÁLOGO COM UM PROFESSOR EGRESSO DA UFSCAR-SOROCABA


Valtair Francisco Nunes de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211035>

CAPÍTULO 6..... 61

LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE ARTES: EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

José Emanuel de Barros Aquino


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211036>

CAPÍTULO 7..... 69

PRINCIPAIS METODOLOGIAS ATIVAS APLICADAS À EAD

Radelfiane Balbino da Silva Ferreira

Marialva de Souza Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211037>

CAPÍTULO 8..... 81

RODAS DE CONVERSA COM ADOLESCENTES: PROTAGONISMO E CUIDADO NA ENFERMAGEM


Inez Silva de Almeida
Andréia Jorge da Costa
Juliana de Souza Fernandes
Karine Machado Cascaes
Ana Carolina da Costa Correia Lima
Mayara da Silva Bazílio
Emylle Macuz
Helena Ferraz Gomes
Priscila Cristina da Silva Thiengo de Andrade
Ellen Marcia Peres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211038>

CAPÍTULO 9..... 89

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E FORMAÇÃO DO DOCENTE DOS ANOS INICIAIS: MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS


Vicente Henrique de Oliveira Filho
Rosana Maria Gessinger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6532211039>

CAPÍTULO 10..... 99

AVALIAÇÃO DE EFEITOS DO PROGRAMA AUXÍLIO INCLUSÃO DIGITAL (MODALIDADE I) SOBRE A PERMANÊNCIA E DESEMPENHO DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ: UM ESTUDO COM OS BENEFICIADOS DO *CAMPUS* DE FLORIANO


Diego Souza de Medeiros
Wilsomar Pessoa Nunes
Jairo de Carvalho Guimarães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110310>

CAPÍTULO 11 111

APLICAÇÃO DO MÉTODO EM BISCUIT COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA


Andreia Ferreira da Silva
Tiago Rocha Nunes
Andréia Santa Rita Machado
Jessica Bento de Carvalho
Eduardo Hübner
Uziel Ferreira Suwa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110311>

CAPÍTULO 12..... 129

MÉTODO DE ENSINO INVESTIGATIVO PARA CIÊNCIAS DA NATUREZA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Leticia Azambuja Lopes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110312>

CAPÍTULO 13..... 135

COMUNICAÇÃO SENSORIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA BREVE REFLEXÃO

Thalita Rachel Cardoso Cruz Silva

Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110313>

CAPÍTULO 14..... 144

EDUCANDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NO UNIVERSO ESCOLAR

Jôsie Luaine Rodrigues

Benicio Backes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110314>

CAPÍTULO 15..... 156

CONCEPÇÕES DE LICENCIANDOS SOBRE CONTEXTOS E CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA

Matheus de Castro e Silva

Penha Souza Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110315>

CAPÍTULO 16..... 167

LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA: POLÊMICAS E DESAFIOS

Keila Matida de Melo

Wellington Ribeiro da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110316>

CAPÍTULO 17..... 177

TECENDO A TEIA ENTRE O ENSINO DE ZOOLOGIA E SAÚDE: MATERIAL DIDÁTICO DE ARACNÍDEOS (CHELICERATA: ARACHNIDA) PEÇONHENTOS

Jaderson Jales Martins

Paulo Cascon


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110317>

CAPÍTULO 18..... 189

LA INDAGACIÓN EN CIENCIAS NATURALES: ALGUNAS CONSIDERACIONES PARA SU IMPLEMENTACIÓN EN LAS AULAS

Diana Milena Pacheco Castro

Rubinsten Hernández Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110318>

CAPÍTULO 19..... 202

EDUCAÇÃO INFANTIL NA QUESTÃO DA APRENDIZAGEM

Enmina Savana Duarte de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65322110319>

SOBRE OS ORGANIZADORES	213
ÍNDICE REMISSIVO.....	214

LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA: POLÊMICAS E DESAFIOS

Data de aceite: 01/03/2022

Keila Matida de Melo

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do projeto de extensão Saberes da (e sobre a) literatura

Wellington Ribeiro da Silva

Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás. Integrante do projeto de extensão Saberes da (e sobre a) literatura

RESUMO: O trabalho objetiva mostrar parte do percurso de discussão e de estudo do projeto de extensão *Saberes da (e sobre a) literatura* desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Em andamento desde 2018, a proposta tem abarcado estudos teóricos sobre literatura, educação e formação humana, bem como experiência estética a partir de leitura e análise de obras literárias. Algumas questões que assolam a literatura e a educação são: De que forma a literatura contribui para a formação humana? A literatura possui adjetivação ou mesmo recorte, no caso, literatura infantil, literatura regional e outras? Como resposta, é possível afirmar que a literatura, assim como a educação, alicerçadas num propósito de formação humana, permitem um olhar inquiridor sobre o homem e sobre o mundo. Esse olhar investigativo e profundo é libertário porque desprezado das amarras sociais, dos ditames impostos social e institucionalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Educação. Cultura. Formação humana.

ABSTRACT: The work aims to show part of the discussion and study path of the extension project Saberes da (and on) literature developed at the Faculty of Education of the Federal University of Goiás. In progress since 2018, the proposal has encompassed theoretical studies on literature, education and human formation, as well as aesthetic experience from the reading and analysis of literary works. Some questions that plague literature and education are: How does literature contribute to human formation? Does literature have adjectives or even a cut, in this case, children's literature, regional literature and others? In response, it is possible to affirm that literature, as well as education, based on a purpose of human formation, allow an inquiring look at man and the world. This investigative and profound look is libertarian because it is detached from social ties, socially and institutionally imposed dictates.

KEYWORDS: Literature. Education. Culture. Human formation.

INÍCIO DE CONVERSA

O ano de 2018 marca o início de um grupo de estudos sobre literatura e formação humana decorrente de uma disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa. Os discentes dessa disciplina, muitos deles professores, se reuniam para melhor compreender conceitos vinculados aos estudos

literários, sobretudo estabelecendo ligação entre literatura e educação. Por essa disciplina, eles escreveram artigos analisando obras literárias. Produção que fomentou novas leituras e estudos. Se inicialmente o grupo era formado por alunos da disciplina, posteriormente outras pessoas a ele se integraram, como alunos, inclusive egressos, e professores da Faculdade de Educação e de outros espaços formativos como da Universidade Estadual de Goiás (UEG), do Instituto Federal de Goiás (IFG) e das Secretarias municipais e estaduais de ensino. Nos encontros, textos da disciplina foram revisitados, conceitos como cultura em Alfredo Bosi (1992), literatura em Antonio Cândido (2002) e em María Teresa Andruetto (2012) foram analisados, discutidos. Somou-se a isso a leitura e o diálogo com obras do escritor russo Fiódor Dostoiévski e Carmo Bernardes.

O projeto *Saberes da (e sobre a) literatura* dá continuidade ao que foi iniciado, permitindo pensar a literatura a partir de uma compreensão estética não desvinculada de um olhar sociológico, histórico, psicanalítico; não havendo, portanto, separação entre obra e contexto da qual emerge. Ao contrário disso, a obra como fruto de um tempo, traz marcas desse tempo, sendo o autor portador de vozes. Lopes (2003) ao promover estudo sobre Bakhtin afirma que tanto para esse autor quanto para outros, como Lukács, a arte e, particularmente, a literatura, por se dirigirem ao outro (leitor, público, comunidade e imbricações) são de natureza social. O próprio *continuum* que define a literatura é marcado dialogicamente. Nela, então, refletem e refratam posicionamentos de mundo que podem não necessariamente ser, simplesmente, os do autor, como é o caso de Dostoiévski, segundo Bakhtin (2010). Nesse sentido, pela literatura, vozes sociais tonalizam entendimentos de homem e de sociedade. “Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. [...] uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire [...] nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos” (COMPAGNON, 2009, p. 31).

E na tentativa de melhor entender a relação literatura e educação que o grupo tem buscado respostas para questões como: De que forma a literatura, pelo valor estético que a sustenta, contribui para a formação humana? A literatura possui adjetivação ou mesmo recorte, no caso, literatura infantil, literatura regional e outras? Para responder a essas questões não apenas embasamento teórico específico sobre o assunto, como também obras literárias de autores representativos da cultura ocidental como é o caso de Fiódor Dostoiévski têm sido analisadas. No âmbito teórico, a proposta tem versado sobre produções como *Literatura e formação do homem*, *O direito à literatura*, *Literatura e sociedade*, de Antonio Candido; *Aula*, de Roland Barthes; *A verdade das mentiras*, de Maria Vargas Llosa, *Por uma literatura sem adjetivos*, de María Teresa Andruetto. Já, em busca da experiência estética, algumas das obras lidas de Dostoiévski foram *O duplo*, *Memórias do subsolo*, *Bóbok*, *Crime e Castigo* e *Os irmãos Karamázov*¹; de Carmo Bernardes é

1 Parte da discussão sobre as obras lidas de Dostoiévski foi apresentada no V Café com leitura e V Seminário de Leitura, Espaço e Sujeito. Para acesso, ver Melo (2019).

possível citar *Nunila*, *Memórias do Vento*, *Jurubatuba*, *Xambioá* e *Santa Rita*. Para este estudo, um esboço da teoria será apresentado buscando dar conta de alguma das questões levantadas. Para isso, o texto encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, apresenta a discussão sobre adjetivação na literatura, sobretudo a partir do recorte literatura infantil. Na segunda, reflete sobre literatura e formação humana.

LITERATURA E ADJETIVAÇÃO

Muitas das questões que assolam a literatura envolvem a relação literatura e educação, uma vez que obras literárias são trabalhadas, por exemplo, em escolas. Isso exige pensar a questão da literatura, da adjetivação atribuída a ela. Estudos outros também colocam em evidência particularidades regionais, o que demarca a produção de escritores e, conseqüentemente, o chamado literatura regionalista. Candido (2002) esclarece que essa adjetivação irá permanecer enquanto diferenças socioeconômicas apontarem a necessidade de destaque da cultura rústica ainda à margem da cultura urbana. Isso inclusive é revelador de diferenças no uso que se faz da língua, pelo domínio ou não da norma padrão, reforçando estereótipo, por exemplo, do sertanejo. A partir de dois exemplos de produções que caracterizam o homem rústico, Candido reflete sobre o estilismo que recai sobre a língua distinguindo a concepção libertadora da concepção alienadora da arte. Esta e outras adjetivações, que não estão no âmbito simplesmente da ficção, da escrita ficcional, esboçam um painel ideológico de modos de ver e compreender o homem e o mundo, exigindo ainda mais problematizar e melhor entender a literatura, sua função, se houver, e suas particularidades.

Para Andruetto (2012), as adjetivações da literatura (infantil, juvenil; com temática sexual, ecológica; sobre bons costumes; para aprender a viver, para discutir sobre direitos humanos e outras) tem funções específicas, determinadas, de antemão ditadas, o que gera problemas. No caso da literatura infantil, a defesa é a diversão, a brincadeira, o ensinar, evitando a dúvida, o incômodo, estabelecendo o certo, conforme valores sociais aceitos. Muitas das obras produzidas para esse público, segundo a autora, buscam, inclusive, uma escrita correta, “apropriada” à formação da criança, uma escrita policiada. Importante destacar, no entanto, que a autora critica produções voltadas a esse público, mas também destaca boas obras a ele direcionadas. É necessário, portanto, saber selecionar o que há de bom em meios às produções disponibilizadas no mercado editorial, como já mostrou Turchi (2002), separar protótipos de estereótipos.

De antemão, sabe-se que a literatura não se deixa aprisionar, seguir modelos, encontrar verdades; reeditar normas não caracteriza a dimensão estética da literatura pelo grau de liberdade que ela veicula. Características que a isso se diferem apenas recuperam o histórico da literatura, sua vinculação com a pedagogia, com a didática. Se isso é parte do passado, em função dos estudos promovidos na década de 1980, como defende a

escritora, hoje a literatura infantil ainda se mostra serva, mas, sobretudo, do mercado editorial. Isso porque o mercado anuncia a demanda, classifica as obras, atribuindo a elas valores. Todavia,

[...] quando um texto se propõe a ser utilizado de modo unívoco como veículo de transmissão de um conteúdo predeterminado, a primeira coisa que bate em retirada é a plurissignificação. Deixa-se de lado a direção plural dos textos para convertê-los em pensamento global, unitário; assim, o literário subordina-se a um fim predeterminado que tende a homogeneizar a experiência. Só isso já é algo que está no sentido inverso do artístico, em que a ambiguidade e o desdobramento de significados predominam. (ANDRUETTO 2012, p. 1150).

Para Andruetto (2012), conferir uma função à literatura é sempre um perigo, especialmente quando essa função atende aos interesses do consumo, do mercado, ou mesmo, do politicamente correto, marcado por moralismos. A boa obra literária não visa isso e, por isso, muitas vezes tem público e consumo diminutos. A boa obra literária fomenta o olhar arguto pela não superficialidade na forma de retratar o homem e o mundo, pelo desvelamento do real com as contradições daí decorrentes. Isso traduz o fato de que:

O escritor não é um termômetro da consciência de um país, não tem por que sê-lo, mas, sim, alguém que busca no que é, alguém que tenta olhar sem pudor e sem preconceito para suas criaturas e que, olhando o que é, às vezes faz que vejamos o que não gostaríamos de ver. Também é alguém que não pede desculpas pelo que mostra, ainda que o observado e apontado vá, em certos momentos, na contracorrente. (ANDRUETTO, 2012, p. 66).

Essa situação mostra que a boa obra literária expõe o humano em sua inteireza, com suas ambiguidades e contradições num exercício de melhor compreender a natureza humana. Por essa razão, Candido (1988, p. 177) afirma que: “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas [...] ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração”. Para o crítico literário, assim como para Andruetto, a literatura tem aspecto formador profundo porque causa impacto sobre a vida, educando de modo ambivalente e contraditório como ela própria.

Por isso, obras literárias têm sido proibidas e/ou permitidas no decorrer da história. Isso no mundo da vida e no mundo da arte, exemplo de *Dom Quixote* e *Madame Bovary*, obras tão mencionadas por autores diversos. Nelas não há a aceitação do prescrito, a naturalização do dado. Nessas obras é possível flagrar não somente um desejo de mudança, mas a experiência que a própria “mudança” acarreta em termos de conflito e embate. *Crime e castigo*, obra de Dostoievski, também expõe a natureza humana em seus dilemas e contradições, o embate entre o que o personagem principal vivencia e o que a sociedade traça como correto e adequado perturba Raskólnikov. Construções sociais, como a questão do crime, a consciência do próprio ato, as razões para isso, escancaram as artimanhas da justiça, as tramas sociais, dentre outras tantas discussões que a obra permite analisar. Já a

trilogia *Jurubatuba*, *Nunila* e *Memórias do vento*, de Carmo Bernardes, aventa, por exemplo, o avanço do capitalismo no campo e a expulsão do homem que ali reside, que, para tanto, migra para a cidade ocupando cargos subalternos. Todavia, luta e resistência, sobretudo identitária, polemizam essa questão. Isso expõe a relação entre literatura e sociedade, entre verdade e mentira; liame ora afirmado, ora negado, como discute Pessoa (2016).

A intensidade de olhar a fundo situações e conflitos que marcam e vivenciam personagens, inclusive por “debaixo de preconceitos”, está na contramão da superficialidade de obras seladas pelo moralismo e pelo politicamente correto que temem “mostrar a vida como é: intensa, assombrosa, desagradável e incorreta; desejos de proteger e de nos proteger, de esconder e nos esconder sob o que deveria ser” (ANDRUETTO, 2012, p. 100). Continua a autora afirmando que:

A literatura *light*, feita à *la carte*, para ensinar valores ou para divertir, assim como a literatura politicamente correta, é uma forma persistente do conservadorismo político e social. Novas e sofisticadas formas do discurso conservador, que, entre outras estratégias, seleciona aquilo que lhe permite sustentar o *status quo*, ocupando-se de temas e aspectos que supostamente são de preocupação social, num recorte brutal de superficialidade. (ANDRUETTO, 2012, p. 124).

A literatura não é uma produção neutra, como também não é lugar de certezas, de traçar e assegurar rumos. Ela é, sim, território da dúvida, continua a autora. Só a dúvida é libertadora porque resiste, resiste ao fascismo da língua, como diria Barthes, aos valores sociais impostos, ao que a educação prescreve. Para Barthes, língua e poder se confundem. A língua obriga a um dizer, ela é marcada pela “autoridade da asserção”, pelo “gregarismo da repetição” (BARTHES, 2001, p. 15). Por isso é fascista. Todavia, se ela imputa o servilismo, a liberdade também se mostra, já que:

Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logo magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. (BARTHES, 2001, p. 17).

É pela trapaça que é possível vislumbrar a língua fora do poder e isso ocorre pela literatura, pela língua, em que o desvio acontece a partir de seu interior e contra ela mesma, defende o autor. Ele inclusive argumenta que a força de liberdade que reside na literatura não está vinculada ao indivíduo-escritor e, sim, ao trabalho de deslocamento que se exerce sobre a língua. Se a literatura é forma privilegiada de linguagem porque a subversão que acomete expressa-se no próprio uso que o autor faz da língua, marcando-a com liberdade e autonomia, essa subversão pode ser muito mais intensa quando do contato leitor e obra provocar, quem sabe, o “desconcerto do mundo”.

LITERATURA E FORMAÇÃO

A literatura, pelos motivos até então expostos, se faz direito, prática necessária à formação do cidadão como argumentam Candido e Llosa. Para Llosa (2004), uma sociedade sem literatura está fadada à barbárie e ao comprometimento de sua liberdade. Por ela, fronteiras geográficas são rompidas e o encontro entre os homens ocorre por uma natureza comum, independentemente do tempo histórico:

Nós, leitores de Cervantes ou de Shakespeare, de Dante ou Tolstói, entendemo-nos e nos sentimos membros da mesma espécie porque, nas obras que criaram, aprendemos aquilo que compartilhamos como seres humanos, o que permanece em todos nós, sob o amplo leque de diferenças que nos separam. [...] Nada ensina melhor que a literatura a ver, nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade. (LLOSA, 2004, p. 380).

O alcance da literatura, sua universalidade, parte da experiência intensa provocada pela ficção “o que e como somos em nossa integridade humana, com nossos atos e sonhos e fantasmas, separados ou na trama de relações de nossa consciência, essa complexíssima suma de verdades contraditórias [...] de que está feita a condição humana” (LLOSA, 2004, p. 380). E é esse pertencer à coletividade humana que traduz a realização mais elevada de cultura, afirma o autor. Cultura entendida em sua dimensão histórica e social, portanto, coletiva, desenraizada da ideia da existência de um adão mítico a instaurar a ordem do mundo, como assegura Bakhtin (2003). A educação encontra-se aí, também com uma preocupação com a formação humana interferindo “nas nervuras do tecido social”, atuando “nos sentidos profundos da existência”, como mostra Pessoa (2016, p. 23).

Quando Candido (2002) descreve que duas são as funções da literatura, sendo uma a formação humana e a outra a psicológica, ele discorre sobre a ficção. Andruetto (2012) destaca a importância da ficção quando diz: “Nós, os leitores, vamos à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, de nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano” (ANDRUETTO, 2012, p. 54). Isso garante a existência da narrativa de ficção como produto da cultura, uma vez que diz sobre os homens da forma como outras ciências não conseguem dizer. Esse dizer sobre os homens significa um encontro com eles pela palavra, expandindo limites da existência, da experiência; significa dizer que uma vida única é insuficiente, daí a importância do acesso a outras vidas e a outros mundos. Situação que produz “por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios” (ANDRUETTO, 2012, p. 54).

Por isso, Andruetto (2012, p. 105) diz que confia na ficção, na capacidade que tem essa mentira de ver a realidade de modo intenso:

Confio em seus mecanismos para abrir novos olhares sobre o mundo que impliquem questionar o existente. Uma das funções do ato criativo, talvez a mais importante, é a de nos defender contra diversas formas de pressão

proteger-nos contra os abusos simbólicos do poder de que somos objeto [...] um modo em que certas regras são suspensas para que surjam outras, postas ou impostas pelo próprio processo de criação.

A autora também assegura, como fazem outros autores, que o paradoxo da literatura reside no fato de que ela não estabelece a verdade, mas nos convence de sua semelhança com a vida. “É por meio da ficção que outras experiências são vividas e que se chega ao interior de outras consciências, porque ela nos permite ser outros sem perder a consciência de sermos nós mesmos” (ANDRUETTO, 2012, p. 106). Com isso, a ficção se depreende de uma função utilitarista. O que a sustenta, segundo a autora, é a própria vida, no caso, vidas passadas porque narradas por palavras que dizem, mas que, inclusive, não dizem; palavras que assombram, que comovem, que questionam, expondo mundos particulares, mas que são próprios de todos nós. Pessoa (2016, p. 18), amparando-se nos estudos de Benjamin, defende que uma forma de educar é contar histórias que levem “à busca, ao desvelamento. Não é, mesmo se a pretexto de transmitir experiências, ensinar conteúdos prontos, informações que esvaziam ou até ridicularizam a reflexão”. Diferentemente da informação, que só se faz importante quando nova; a experiência preenche de sentido, fonte da narração, é atributo da educação e da literatura, defende o pesquisador.

Para José J. Veiga, a literatura deve provocar desassossego. Veiga (1987) chega a essa conclusão a partir das seguintes interrogações:

Qual será a atitude verdadeiramente revolucionária de um escritor: mostrar ficcionalmente uma população oprimida reagindo e acabando com a opressão (uma mentira), ou mostrá-la sofrendo resignadamente? Esses livros foram escritos para desassossegar, e achei que se mostrasse os oprimidos derrubando as bastilhas, o leitor fecharia o livro aliviado, e não desassossegado. Um livro pouco pode fazer para corrigir injustiças: se conseguir causar desassossego, já conseguiu alguma coisa.

A literatura promove uma procura que não cessa, um proceder tateando sempre interrogativo que bem traduz a incompletude humana em suas fragilidades e contradições (COMPAGNON, 2009; LLOSA, 2004), é ela um “exercício de pensamento e experimentação dos possíveis”, defende Compagnon (2009). Ela acarreta um abismo entre o que o homem é e o que deseja ser, sinalizando para o fato de a vida não basta, fazendo brotar nele o desejo de liberdade, de mudança do que se tem, do que se é, do que lhe é dado:

A ficção enriquece sua existência, completa-a e, transitoriamente, compensa os dessa trágica condição que é a nossa: a de desejar e sonhar sempre mais do que podemos alcançar [...] a ficção é uma acusação terrível contra a existência, sob qualquer regime ou ideologia: um testemunho contundente de suas insuficiências, de sua inépcia para nos satisfazer. E, portanto, um corrosivo permanente de todos os poderes que quiseram manter os homens satisfeitos e conformados. (LLOSA, 2004, p. 29).

A literatura, portanto, é atual e necessária como consolo e melhor entendimento de uma realidade que aponta horizontes incertos. Talvez a sensibilidade e a partilha de

experiência despertada por ela, mesmo promovendo desassossegos em homens já ilhados pelas circunstâncias históricas, possam lançar luz a trilhas, apesar de meandrantes, de encontro e humanização. *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, retrata isso, como mostra Fiorin (2007). Para esse linguista, o cotidiano sofrido de uma mulher casada, maltratada pelo marido faz com que ela se refugie no cinema, em filmes de amor, em que a vida é atraente e sedutora. Fiorin (2007, p. 78) esclarece que a “grande função da arte é [...] mostrar que outras maneiras de ser são possíveis, que outros universos podem existir”. Para Pessoa (2016, p. 33), a grande destreza da arte, no caso a literatura, está no sentido de liberdade que evoca, inclusive temporal e geográfica, pois possibilita “ao homem ir a tempos e lugares permanentemente negados pelos condicionantes da história”. Isso é elemento de humanização, afirma o autor.

Não sem razão, Barthes (2004), ao discorrer sobre literatura e ciência, mostra o limite desta e a travessia daquela, que se dá pela linguagem. A formação humana como marca da literatura permite fomentar sentidos outros do mundo, abalando certezas, desconstruindo estereótipos, mobilizando modos inquiridores de ver e dele participar. Aspectos necessários ao vislumbamento e à efetivação de mudanças sociais, sobretudo, caras à realidade atual. Consoante Barthes (2001), a literatura engloba uma gama de saberes:

[...] a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 2001, p. 18-19).

Situação que bem traduz o que Antônio Candido (1988, p. 180) define por humanização:

[...] processo que confirma o homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

A partir desse entendimento, como exemplifica Pessoa (2016, p. 10), é possível “tomar a literatura como material de estudo sobre outro fenômeno social, o da educação. Ou seja, por intermédio da literatura podemos potencializar nossa capacidade de compreensão sobre o que uma determinada sociedade engendra em termos de concepções e práticas educativas”.

E é esse intento que o propósito deste projeto de extensão, alicerçado em estudos

teóricos e experiência estética, busca aprofundar. Práticas que geram leituras entendidas como “aprendido permanente” (KONDER, 2005), como retomada e resignificação de sentidos, como troca, como tentativa de completude no encontro que se faz ao outro, ao diferente, ao polêmico, ao contraditório. E nessa seara também incerta e movediça, distante de uma errância simplesmente individual, no trânsito entre “leitura do mundo e da palavra”, como diria Freire (2011), entre mundo da arte e mundo da vida, seja possível melhor compreender o sentido de educação, de literatura no universo da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado parcial do caminho até então empreendido coaduna o fato de que a literatura, bem como a educação, ao ampliarem sentido de homem e de mundo, pela partilha de experiência, desestabilizam certezas, desconstroem naturalizações, perturbam e, ao fazerem isso, expõem a potencialidade do ato ficcional instigando o leitor a um mover-se, a um posicionar-se não indiferente ao mundo. A liberdade que assola a literatura envolve uma relação a tudo que é instituído e, não sem razão, verdade e mentira transitam em patamares aproximados porque permitem a projeção de um devir transformador. O aspecto inquiridor e provocativo gerado pela arte, no caso da literatura, possibilita ao leitor um mover-se nas entranhas sociais e psicológicas profundas, transformando-as e transformando-se. Dimensão educativa intensa, criativa e humanizadora.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. **Aula**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Ed. Ouro Sobre Azul: Rio de Janeiro, p. 171-193, 1988.

_____. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

BERNARDES, Carmo. **Nunila**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. **Memórias do vento**. São Paulo. Editora Marco Zero, 1986.

_____. **Santa Rita**. Goiânia: Editora UFG, 1995.

_____. **Xambioá: paz e guerra**. Goiânia: AGEPEL/Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

_____. **Jurubatuba**. Goiânia: ICBC, 2006. (Coleção Biblioteca Clássica Goiana).

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DOSTOIEVSKI, F. **Crime e castigo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Gravuras de Evandro Carlos Jardim. São Paulo: Editora 34, 2008.

FIORIN, J. L. O poder criador da linguagem. **Revista Língua Portuguesa**, setembro, 2007.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KONDER, L. **As artes das palavras**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

LLOSA, M. V. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx., 2004.

LOPES, E. Discurso literário e Dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MELO, Keila M. Matizes que povoam a literatura: temas recorrentes em Dostoiévski. ANAIS DE TEXTOS COMPLETOS DO X CAFÉ COM LEITURA E V SEMINÁRIO DE LEITURA, ESPAÇO E SUJEITO [recurso eletrônico]. Goiânia : Gráfica da UFG, 2019. Disponível em: https://cafecomleitura.fic.ufg.br/up/366/o/Ebook_Anais_de_textos_completo-_normalizado_isbn_ok_2.pdf

PESSOA, Jadir M. Trapaceiros e insurgentes: caminhos da pesquisa em literatura e educação. In: _____. (Org.). **Literatura e formação humana**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016. (Série As Dimensões da Formação Humana).

TURCHI, M. Z. O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil. In: ____ e SILVA, V.M.T. **Literatura infanto-juvenil**: leituras críticas. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

VEIGA, J. J. Esses livros servem para desassossegar (Apêndice). In: SOUZA, A. P. **Um olhar crítico sobre o nosso tempo**: uma leitura da obra de J. J. Veiga. Dissertação (Teoria literária) – Instituto de Linguagem da Universidade de Campinas, Unicamp, Campinas, 1987.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescente 81, 82, 84, 85, 86

Alfabetização 17, 20, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 149, 150, 151, 213

Anos iniciais 17, 21, 22, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 130, 134, 144, 145, 149, 150, 153

Aprendizagem 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 36, 37, 40, 41, 49, 57, 58, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 161, 163, 164, 166, 179, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Araneae 177, 178

Arte 48, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 78, 89, 168, 169, 170, 174, 175, 176

Aulas práticas 76, 111, 113, 126, 177, 179, 180, 187

Avaliação 23, 27, 40, 72, 76, 78, 93, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 115, 117, 127, 142, 162, 208

B

Biscuit 111, 112, 113, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126

BNCC 65, 129, 130, 131, 132, 134, 144, 150, 154

C

Competencias científicas 189, 191, 193, 195, 197, 199, 200

Comunicação sensorial 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Conhecimento 9, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 36, 37, 38, 41, 45, 48, 54, 57, 58, 62, 63, 67, 69, 70, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86, 93, 95, 96, 112, 113, 114, 115, 118, 121, 122, 123, 124, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 154, 158, 159, 160, 162, 163, 166, 168, 179, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211

Contexto 4, 9, 10, 15, 16, 18, 19, 20, 29, 46, 47, 49, 55, 56, 62, 65, 66, 67, 86, 95, 96, 100, 112, 113, 120, 131, 135, 136, 139, 140, 141, 148, 149, 150, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 191, 192, 195, 200, 205, 207, 209, 212

Cultura 6, 14, 22, 53, 55, 56, 57, 64, 68, 78, 86, 90, 92, 93, 135, 136, 141, 150, 167, 168, 169, 172, 175, 176, 198, 199, 213

D

Docentes 5, 52, 53, 56, 58, 59, 60, 74, 78, 88, 93, 94, 96, 113, 129, 130, 144, 145, 149, 153, 158, 166, 179, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 198, 199, 211

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 114, 115, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 142, 144, 145, 146, 148, 152, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 187, 188, 202, 204, 207, 210, 211, 212, 213

Educação a distância 20, 69, 70, 72, 74, 78, 79, 80

Educação infantil 14, 22, 129, 202, 210, 211

Educação tradicional 135

Eficiência 1, 2, 4, 36, 102, 114

Enfermagem 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 103, 104, 105, 107

Ensino-aprendizagem 9, 10, 20, 36, 78, 85, 117, 124, 126, 179, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 211

Ensino de Ciências 56, 129, 130, 131, 132, 134, 160, 188

Ensino de Química 127, 156, 166

Ensino médio 4, 21, 88, 111, 115, 117, 122, 123, 157, 165

Ensino por investigação 129, 130, 133, 134

Era digital 9

Estratégia educacional 135

Estratégias 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 199

F

Formação de professores 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 73, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 156, 202, 203, 213

Formação humana 6, 8, 167, 168, 169, 172, 174, 176

H

Habilidades socioemocionais 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154

I

Indagación 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Influência social 43, 44, 45, 46, 47, 50

Informática 9, 10, 16, 17, 20, 22, 73

L

Literatura 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 44, 62, 69, 71, 78, 89, 93, 96, 140, 141, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 211

Livro didático 61, 62, 63, 65, 67, 68

M

Mapeamento 89, 90, 96, 97

Matemática 11, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 34, 36, 37, 38, 41, 56, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 142, 166, 202, 213

Mercantilização 1, 3

Metodologia ativa 69, 74, 75, 76, 77, 111

Metodologias 16, 23, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 112, 114, 136, 160

Motivação 16, 57, 74, 133, 136, 148, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 212

N

Números racionais 23, 24, 25, 26, 33, 41

P

Pandemia 100, 104, 111, 113, 114, 126, 161, 179

PIBID 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 188, 213

Planejamento 51, 53, 58, 59, 76, 110, 113, 158, 159

Poder 2, 3, 7, 16, 29, 33, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 53, 73, 100, 101, 103, 136, 142, 171, 173, 176, 190

Prática docente 93, 95, 142, 144, 149

Promoção da saúde 82, 83, 84, 85, 87

R

Recurso didático 64, 111, 112

Resultados 4, 16, 23, 27, 30, 31, 33, 38, 40, 43, 61, 64, 66, 69, 70, 77, 81, 84, 85, 89, 91, 93, 95, 100, 101, 102, 113, 114, 117, 126, 140, 144, 158, 161, 180, 192, 193, 211

S

Scorpiones 177, 178

T

Trabalho docente 1, 4, 6, 21, 56, 57, 145, 153

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

1



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2022





A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

1



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022